



**Caríssimos Irmãos,**

**Cumpro o dever, sempre doloroso, de  
participar à Comunidade Provincial o fa-  
lecimento do nosso irmão**

**ANTÔNIO AUGUSTO DUARTE**

**no Hospital de Santo António às 10 horas  
do dia 12 de Dezembro de 1984, com 70  
anos, 9 meses e 23 dias.**

**Fazia parte da Comunidade das Edições  
Salesianas, desde Dezembro de 1971.**

O Senhor António nasceu em 19 de Fevereiro de 1914 em Terrenho, concelho de Trancoso.

Os pais Manuel António Duarte e Maria Augusta Diogo, já falecidos, educaram os seus cinco filhos no trabalho do campo e no amor a Deus.

Dos irmãos, o mais velho, Luís Almeida Duarte, falecido, Albino Augusto Duarte, em África, Guilhermina Augusta Duarte e Maria Luisa Duarte, Filhas de Maria Auxiliadora, o nosso António era o mais novo.

Passaram a juventude com muito trabalho no campo, mas alegremente, porque era uma família muito unida.

Como no inverno o tempo de serão era muito grande, as irmãs com a mãe trabalhavam em rendas etc. e o pai com os irmãos, faziam algum trabalho...

O António lia algum livro.

O Sr. Pe. Joaquim Gama emprestou-lhe a Vida de S. João Bosco que foi toda lida pelo António ao serão! Primeiro contacto salesiano.

Chegado à idade o António foi apurado para a vida militar e com lágrimas em todos os olhos, lá partiu para Vendas Novas. Terminada a recruta saiu-lhe a sorte... podia ir para casa. Sem escrever palavra, ao aparecer na terra, o pai andava a lavrar na do "Estação" uma das propriedades. Viu-o e deixou tudo para o ir abraçar ao caminho. Foi um resto de dia festivo naquela família.

Tempo depois, o António foi para o Fundão para casa da Senhora D. Isabel Trigueiros, senhora conhecidíssima na região e mãe de todos os pobres. Alí vai ter uma grande notícia...

Um dia a Guilhermina pensou em fazer-se religiosa. Um amigo avisou o António que escreve à Irmã:

Foi imediatamente transportado ao Hospital de Santo António acompanhado por um salesiano. Tratado com todo o cuidado na Urgência, passou para a Observação.

Às 14 horas dois salesianos voltaram ao Hospital para verificarem o estado de saúde... Sempre com os olhos fechados e falando com dificuldade, quando lhe foi perguntado: Sr. António como se sente? Estão a fazer as coisas mais difíceis do que elas são.

Feita a radiografia e o diagnóstico, foi-nos dito... enfarte e embolia cerebral. Não mexia nem o braço nem a perna esquerdos.

No dia seguinte chegaram as irmãs que ele não conheceu. O médico dizia que estava em semi-coma. Recebeu a Santa Unção e na visita dos salesianos nunca mais disse palavra. A informação dos médicos não variava, como o seu estado... Enquanto há vida há esperança. Está na mesma, acrescentavam.

Na tarde de terça-feira, 11, estando dois salesianos junto dele o seu estado piorou e foi-lhe aplicado oxigénio.

No dia 12, quarta-feira, falecia às 10 horas. Transportado nessa tarde para a Igreja do Bonfim, Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e amigos do Porto e da Terra velaram o seu corpo até à hora do funeral.

Às 15 horas do dia 13, na Igreja, o Sr. Pe. Soares presidiu à Concelebração de 17 sacerdotes salesianos, seguindo-se para o Cemitério da Irmandade, onde ficou sepultado no jazigo salesiano.

Nas férias passadas, conta o seu amigo, ao falarem do bem estar de vários emigrantes da Terra e o que outros tinham alcançado com o seu traba-



e Fátima onde esteve com o Sr. Pe. Benedito de quem era muito amigo. Voltou a Lisboa para ser operado e em 12 de Dezembro de 1971 chegava a esta Comunidade exercendo a sua actividade no armazém da Editorial.

Desde que fêz a operação à próstata, sendo diabético, ficou a tomar insulina todos os dias, injeção que applicava ao levantar.

Quando um médico em Lisboa se prontificou a tratá-lo, bastando apresentar-lhe as análises que pedia, disse à Irmã Guilhermina: "Para que tratar uma doença que não se manifesta aos outros?"

Nos anos passados, aos domingos, dava uma volta pela cidade, que conhecia muito bern, pois durante a semana desde as 9 às 19 horas não largava o seu trabalho. Ia todas as tardes levar a correspondência que ele selava.

Quando ia a férias com as irmãs visitava os campos... mas nos últimos anos era com sacrifício que o fazia por lhe incharem muito os pés... Nas férias passadas nem isso fêz.

Quando aqui lhe dizia, nas horas de trabalho: Sr. António, sente-se um pouco. Ele respondia: isto passará quando Deus quizer.

O dia 3 de Dezembro foi como todos os outros, pontual no trabalho e nas práticas de piedade. Depois da ceia, como sempre, retirou-se para o seu quarto.

Era o primeiro a levantar-se todos os dias, para abrir a porta e a capela às 6,45 e a seguir algumas pessoas recitavam as laudes com ele.

No dia 4, terça-feira, não foi abrir a porta... Pensámos logo que estivesse doente. Às 7 horas bateram à porta do seu quarto e entraram. Estava prostrado junto à cama... Dizendo, apenas, e mal, que não tinha coragem para se levantar.

“ouvi dizer que vais para a vida religiosa. Se isso é verdade, tens a minha companhia e a viagem paga para onde fores”.

No dia 24 de Setembro de 1942, partiram para Évora, onde chegaram já noite. Ela foi para a Casa Pia Feminina, primeira casa das Filhas de Maria Auxiliadora em Portugal, onde era directora a Irmã Rina Fasola.

Ele foi pernoitar ao Oratório de S. José, onde era director o Sr. Pe. Leite. Fazia parte da Comunidade o Pe. Filipe, que mais tarde disse à Irmã Guilhermina: “O teu irmão tem escrito e qualquer dia vem para os Salesianos”.

Tempo depois o António foi ao casamento do Luís, na Covilhã e seguiu viagem para o Estoril onde chegou em 13 de Abril de 1945.

No dia 20 de Agosto de 1946 principiou o noviciado em Mogofores com o Sr. Pe. Humberto. Fez a primeira profissão em 24 de Agosto de 1947. Em Lisboa fez a segunda em 26 de Agosto de 1950 e no Funchal a Perpétua em 8 de Agosto de 1953.

Diz a Irmã Guilhermina: “em casa foi sempre de poucas falas, mas muito trabalhador. Foi o braço direito do pai. Sempre que ia a casa, mesmo depois de salesiano, ajudava os pais na lida do campo.

Como a Mãe sobreviveu ao Pai, falecido em 1970, ele sempre que ia a casa, preparava a lenha que a Mãe devia gastar durante todo o ano.

Quando terminava o trabalho regressava imediatamente à casa salesiana”.

Dizia sempre: onde estiver quero comer o pão com o meu trabalho. Depois do noviciado voltou ao Estoril. Passou, depois, pelas casas de Lisboa, Madeira, Poiares, Manique, Évora, Arouca

Iho, o Sr. António respondeu: "Que Deus Iho  
acrescente. Eu prefiro o lugar que tenho na  
minha Congregação, a todas as riquezas que os  
outros possam ter.

Nós que vivemos junto dele nestes últimos anos,  
cremos manifestar o exemplo da sua vida de fi-  
delidade na oração, na caridade, no trabalho e  
no sacrifício do dia a dia. Sofria e calava. Sacri-  
ficava-se e na sua cruz de todos os dias foi exem-  
plo para todos nós. Morreu no trabalho.

Entregamos o seu corpo à terra e partimos com  
saudade, mas sabemos que na casa do Pai a vida  
continua na contemplação de Deus e a pedir por  
todos os irmãos que na terra continuam a cami-  
nhada.

Paz à sua alma.

Contando com as orações de todos por esta Co-  
munidade e pela alma do Sr. António, professo-  
-me

Irmão em D. Bosco,  
Pe. Lino Ferreira

